

# Presença de Marisa: intimismo rasteiro

SERGIO BAZI

Presença de Marisa era a última esperança do Festival por razões puramente cronológicas. Escolhido para encerrar a mostra competitiva, o drama erótico-existencial de John Doo também pode ser definido como uma história de amor. A trama se concentra no confronto entre Bruno (Joel Barcelos) e Marisa (Cláudia Magno). Ele é um milionário cinquentão que se isolou numa ilha e vive atormentado por fantasmas do passado; é doentio e gosta de filosofar: "A questão é descobrir o lugar certo para cada coisa". Ela, ao contrário, é jovem, saudável, equilibrada e segura de si. Tem dotes artísticos (canta, compõe e toca violão), parece a encarnação da liberdade com sua asa delta, e, também filosofa: "Estou sempre na hora certa e no lugar certo".

Como nas ruminções metafísicas de Walter Hugo Khouri ou Carlos Reichenbach, a ilha é um símbolo do isolamento individualista, da fuga da realidade. Mas, o filme infelizmente não chega a deslanchar em especial por ser psicologicamente rasteiro e banal. O espectador fica impossibilitado de ter a dimensão exata dos conflitos

apresentados. Doo fica bem longe do intimismo por vezes sutil de Khouri e Reichenbach. Sua tentativa de desnudar a individualidade um ser confuso e cheio de bloqueios, acaba se esbarrando numa filosofice primária — ou, por outra, num roteiro convencional e altamente óbvio. Outro problema do filme é a construção dos personagens. Bruno é frágil psicológica e estruturalmente — e o fraco desempenho de Joel Barcelos não ajuda a superar tais falhas. Já Marisa carece de mistério e ela mesma se encarrega de dar explicações sobre a sua personalidade, excessivamente idealizada. Além do mais, o embate entre os dois nunca é levado às últimas consequências. A presença de Marisa na vida de Bruno é marcante — e vice-versa. Mas o espectador não consegue sentir nada além do que foi programado pelo roteiro de Ana Lúcia Franco.

Presença de Marisa tem, ainda, pretensões ecológicas — aí também sem conseguir ultrapassar a superficialidade de suas ruminções introspectivas. O filme é exatamente esse paradoxo de pretender o intimismo, embora seja apenas um mergulho raso. Raso e entendente.